

As fontes visuais da Banda de Música Maestro Wanderley da Polícia Militar da Bahia

Pamela Amorim Brandão

Pablo Sotuyo Blanco

Universidade Federal da Bahia / PIBIC-FAPESB

Introdução

O presente paper é um desdobramento do projeto de pesquisa “PATRIMÔNIO MUSICAL NA BAHIA: A BANDA DE MÚSICA ‘MAESTRO WANDERLEY’ DA POLICIA MILITAR DA BAHIA” e tem por objetivo apresentar e discutir o acervo de fontes visuais constante naquela instituição. Em termos gerais, o arquivo musical da BMMW é um dos mais ricos da Bahia, possuindo mais de 3.000 obras musicais, além da documentação administrativa e audiovisual. No arranjo arquivístico proposto à BMMW, as subséries relativas aos documentos iconográficos incluem mais de 350 fotos, enquanto as relativas aos documentos audiovisuais, contam com mais de 20 vídeos e uma série de registros fonográficos.

Assim, o referido acervo de fontes visuais, tema da nossa proposta de estudo de caso, será discutido não apenas em termos quantitativos, tipológicos, temáticos ou descritivos, mas também em termos da construção de sentidos e discursos identitários que aparecem como necessários à existência e permanência da BMMW dentro e fora da PMBA, se valendo, aparentemente, da memória audiovisual (no sentido mais amplo do termo, com os seus desdobramentos possíveis) como bandeira e escudo institucional em tempos de cortes orçamentários e eventuais desinteresses governamentais, servindo de possível modelo às instituições correlatas em outras cidades no interior da Bahia.

Levantamento

Cerca de 452 fotos;
20 vídeos;
Muitos registros fonográficos

Das 350 fotos:

423 são atuais (e coloridas);
29 são antigas (e pretas e brancas)
229 em ambiente externo
174 em ambiente interno (no próprio quartel)
As restantes são fotos diversas, desde cartazes ao próprio local.

Muitas das fotos consideradas antigas envolvem também fotos de jornais antigos, como uma forma de preservação da história da banda.

É possível notar que a maioria das fotos tiradas é atual e, pelo menos 10-20% dessas fotos são bastidores, momentos de descontração da banda, principalmente nos ambientes externos, onde é possível ver mais fotos do trajeto que das apresentações em si. Muitas fotos são, inclusive, “selfies”, registradas pelos próprios membros, dos próprios celulares, o que demonstra o nível de informalidade.

É notável que a banda tem uma necessidade de perpetuação da mesma enquanto entidade histórica e do trabalho feito ao longo desses 167 anos, atrelados também a um desejo, por mais que implícito e, talvez, inconsciente, de preservação do atual período da banda e seus então integrantes.

Problematização

O ponto chave da discussão proposta neste paper não é o fato de a banda ter registros iconográficos que vão além de seu acervo, mas, sim, o fato de que sua iconografia se faz fundamental, não apenas na preservação de 167 anos de Banda de Música da Polícia Militar, mas sim, e principalmente, o fato de que ela implica um discurso ideológico da preservação e perpetuação da formação atual como parte integrante e ativa de uma importante banda secular e histórica como a BMMW, numa busca pela construção identitária do atual grupo.

As imagens desta iconografia são, aqui, consideradas textos, carregados de sentidos e mensagens além da imediata, transmitida pelo visual.

Segundo Orlandi (2009, p. 30), “os sentidos não estão só nas palavras [neste caso, nas imagens], [...] mas na relação com sua exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos.” Ainda segundo Orlandi (2009, p. 30), “Os dizeres [...] são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz”. Seguindo esta linha de raciocínio, analisando-se quem tira as fotos da banda (o que representa, sua função, ambições) e em quais momentos tira a foto, podemos analisar que existe uma intenção, uma motivação, um porquê de tirar determinadas fotos em determinados momentos, muitas vezes também, inserindo-se no contexto atual e, conseqüentemente, ficando para a história da banda. Vale ressaltar, a título de provocação, que quem tira as fotos faz parte da banda também, tem o seu lugar e, registrando momentos da banda, por ser parte da mesma, acaba por inserir-se também na história da banda, perpetuando-se na memória de instituição tão antiga.

Orlandi também salienta que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (2009, p. 39). Isto nos abre para uma possível leitura, dentre as várias possíveis, de que quem tira as fotos da banda tem um objetivo ao tirar, guardar e/ou divulgar estas fotos, seja este objetivo o de ser reconhecido, ou de fazer um link entre a banda e a comunidade, mostrando seus momentos mais informais e menos militares, o que humanizaria mais a banda aos olhos da sociedade e a faria cumprir o seu papel de ponto de contato sensível entre a corporação e a comunidade que atinge não apenas o nível emocional da mesma, mas também a memória e a cidadania cultural da Bahia.

Um ponto interessante que fala por si só é o contraste entre as fotos dos músicos militares devidamente fardados exercendo o ofício da música em uma determinada solenidade e as fotos em que os mesmos músicos apresentam-se em momentos descontraídos, as fardas ligeiramente relaxadas no corpo, mostrando-se claramente um momento de informalidade. Estas imagens contrapostas fornecem um discurso forte porque a imagem tem uma força absurda na constituição do discurso (ORLANDI, 2009, p.42). Ainda segundo a autora, “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. [...] assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas”. (ORLANDI, 2009, p.42) Aplicando-se ao exemplo das fotos contrastantes, pode-se entender a questão da força do imaginário quando pensamos nos militares devidamente fardados e, por

conta da memória histórica que temos desses símbolos (ordem, farda, seriedade), construímos uma imagem e sentido do que nos é apresentado e isto é ressignificado quando temos os mesmos elementos dispostos de forma a se aproximarem mais de nossa realidade civil, ao vê-los em um momento de descontração. Isto tende a fortalecer o ponto de contato entre militares e civis.

É importante, ainda, atentar para as palavras de Orlandi (2009, p.42), quando a autora fala que “[...] o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.” Não basta ser a banda de música da polícia militar da Bahia. É a Banda de Música em 2017, com a formação atual de 42 músicos e com a responsabilidade de ser a ponte entre dois mundos, militar e civil, proporcionando ordem e harmonia para a comunidade. Entende-se mais esta postura e intenção com determinadas fotos e registros quando se pensa historicamente na instituição militar como tendo sido, em tempos passados uma instituição autoritária e violenta e que até hoje, por conta desta memória discursiva de outros tempos, é vista como hostil, estranha e, por vezes, injusta, como se não fosse seu principal fim proteger a população. É entendendo a história da instituição e sua ideologia passada, contraposta com uma ideologia atual que temos esta preocupação por parte dos militares de uma aproximação com a sociedade.

Considerações finais

Partindo desta sucinta discussão, é possível concordar com Orlandi quando ela diz que “o dizer tem história. Os sentidos não se esgotam no imediato” (2009, p.50). Michel Pechêux completaria este pensamento ao considerar “[...] a linguagem como um sistema capaz de ambiguidade e define a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem.” (apud, Orlandi, 2005)

A iconografia produzida pela Banda de Música maestro Wanderley da Polícia Militar da Bahia não é produzida do jeito que é por acaso, mas pensada para preservar a memória e a história que já se tem dos 167 anos de banda e inserir neste novo momento, criando um discurso identitário da banda que a faz renovar seu discurso ao longo da memória histórica quando se permite ser o ponto de contato entre a Polícia Militar e a comunidade.

Referências

- BENTO, Cláudio Moreira. **Amor Febril**. Porto Alegre, 1990.
- GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. **Biografia e Reconstituição Histórica da Vida do Maestro João Antônio Wanderley**. Salvador – Bahia, 1976.
- JÚNIOR, José Maria dos S. Morais. PROJETO DE REESTRUTURAÇÃO DA BANDA DE MÚSICA MAESTRO JOÃO ANTÔNIO WANDERLEY DA PMBA. Salvador, 2007 (manuscrito).
- MEIRA, Antônio Gonçalves & SCHIRMER, Pedro. **Música Militar e Bandas Militares – Origem e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ombro a Ombro, 2000.
- POLÍCIA MILITAR DA BAHIA. **150 anos da Corporação**. Salvador (BA): EGBA, 1975.
- Revista Weril**. Ano 24. Nº 150. Novembro / Dezembro. 2003. Disponível em <www.alepe.gov.br/perfil/parlamentares/mariomello/o3.html>, Acessado em 05 ago 2016.
- Revista Cultural**. Disponível em <www.revista.cultural.pe.gov.br/novembro>, Acessado em 04 ago 2016.
- ORLANDI, E. P. **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso**. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005.
- ORLANDI, E. P. **Análise do Discuso: Princípios e procedimentos**. 8.ed. Campinas: Pontes, 2009.

